

O *Sabbath* é Obrigatório na Era da Nova Aliança

Brian Schwertley

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Embora o Novo Testamento ensine claramente que o *Sabbath* é de obrigação perpétua, há certas coisas que devem ser discutidas quando apresentamos o caso bíblico para o *sabbath* cristão. A primeira é que na dispensação do novo pacto, a observância do *sabbath* semanal foi mudada por Jesus Cristo para o primeiro dia da semana. Portanto, provar que há garantia bíblica para a mudança do sétimo para o primeiro dia da semana, é algo necessário e relacionado à prova da perpetuidade do próprio *sabbath* semanal. Segundo, o argumento para a mudança do sétimo para o primeiro dia da semana não é baseado num mandamento divino *direto*, mas é deduzido da teologia bíblica, da analogia e do exemplo histórico. Aqueles que rejeitam o *sabbath* cristão têm usado o fato de não existir nenhum mandamento *direto* para enganar aqueles que não são treinados em teologia.² Embora não haja nenhum mandamento ou declaração direta com respeito à mudança do dia, isso não significa que não exista garantia bíblica suficiente para observar o primeiro dia da semana; há evidência abundante! Observe que há várias doutrinas cristãs cruciais que não são baseadas numa declaração direta, mas num estudo cuidadoso da Escritura e no uso correto da dedução: a trindade, a união hipostática das duas naturezas de Cristo, o batismo infantil, etc.³ Portanto, uma doutrina que é “deduzida por boa e necessária consequência” da Escritura, não é menos verdadeira ou importante que uma declaração direta da Escritura.⁴

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em agosto/2008.

² Por exemplo, um tratado adventista do sétimo dia intitulado *Duped* (enganado), diz: “Nenhuma referência bíblica ao primeiro dia da semana fala sobre a mudança do Sábado para o Domingo. James Westbury, presidente do *Lord’s Day Alliance*, uma organização devotada à adoração no Domingo, foi forçado a admitir: ‘Não existe nenhum registro de uma declaração da parte de Jesus autorizando tal mudança, nem por parte dos apóstolos.’”

³ A legitimidade de usar inferência lógica a partir da Escritura para formular doutrinas (formalmente conhecida como dedução “por consequência boa e necessária”, Confissão de Fé de Westminster, 1:6) pode ser vista nas seguintes passagens: Mt. 19:4-6, 22:31 ss.; Mc. 12:26; Lc. 20:37 ss.; 1 Cor. 11:8-10; etc.

⁴ Se essa [observância do *sabbath* no primeiro dia] é o propósito e a vontade de Deus, ele não deixou a questão à mercê da tradição humana; mas revelou sua mente sobre isso de tal forma, em sua palavra, que pode se encontrar evidência boa e substancial disso: e sem dúvida, a revelação é clara o suficiente para aqueles que têm ouvidos para ouvir; isto é, para aqueles que exercem justamente seus entendimentos sobre o que Deus lhes diz. Nenhum cristão, portanto, deveria descansar até descobrir satisfatoriamente a mente de Deus nessa questão. Se o *sabbath* cristão é uma instituição divina, é sem dúvida de grande importância para a religião que ele seja bem observado; e, portanto, que todo cristão esteja bem

1. O DIA DA RESSURREIÇÃO VITORIOSA DE CRISTO

A razão central dos cristãos observarem o primeiro dia da semana é o fato histórico que Cristo ressuscitou dentre os mortos nesse dia (Mt. 28:1; Mc. 16:2, 9; Lc. 24:1; Jo. 20:1). Embora seja verdade que não encontramos um mandamento específico dado aos discípulos para se reunirem para adoração pública nesse dia, tal mandamento está claramente implícito de várias formas. Primeiro, Cristo escolheu aparecer repetidamente aos Seus discípulos no primeiro dia da semana (Mt. 28:9; Lc. 24:15-31, 36; Jo. 20:19, 26). Esse padrão de aparição é cuidadosamente mencionado na Escritura, e obviamente não é arbitrário. Jesus escolhe o primeiro dia da semana para fortalecer a fé dos apóstolos, instruí-los na doutrina, dar mandamentos, ter comunhão com eles e participar do partir do pão.

2. A PRÁTICA UNIVERSAL DA IGREJA DO NOVO TESTAMENTO

Segundo, a prática universal da igreja apostólica era observar o primeiro dia da semana. Os apóstolos se reuniram nos primeiros dois Domingos após a ressurreição (Jo. 20:19-26). Os discípulos também se ajuntaram na adoração pública no Domingo de Pentecostes: “E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente num único lugar” (At. 2:1). “Assim como os discípulos se reuniram (provavelmente no cenáculo) no primeiro Domingo da Ressurreição, no próximo ou segundo Domingo (João 20:26), e mui provavelmente a cada Domingo subsequente também, assim também eles ‘estavam todos concordemente num único lugar’ – provavelmente também no mesmo ‘lugar’, o cenáculo – no oitavo Domingo de Pentecostes... esse oitavo Domingo, o Dia do Senhor, quando o Espírito Santo veio repentinamente ao Seu templo (Sua igreja no cenáculo) e queimou como uma labareda com línguas de fogo – *assim* também foi o novo Dia que Deus criaria, o Dia do Senhor, o Dia do Senhor Deus o Espírito Santo.”⁵ É claro que os apóstolos e as primeiras igrejas fundadas por eles santificavam o primeiro dia da semana.

A natureza obrigatória da observância do primeiro dia na nova era é demonstrada por Atos 20:7: “E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles; e prolongou a prática até à meia-noite”. Observe que vários anos após a ressurreição e o derramamento do Espírito Santo em Pentecostes, a prática da igreja do Novo Testamento ainda era a adoração pública no

familiarizado com a instituição” (Jonathan Edwards, “The Perpetuity and Change of the Sabbath” in *Works* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1974 [1834]), 2:94).

⁵ Francis Nigel Lee, *The Covenantal Sabbath: The Weekly Sabbath Scripturally and Historically Considered* (London: Lord’s Day Observance Society, 1966), p. 209

primeiro dia da semana, o dia do Senhor (Ap. 1:10). Os discípulos se reuniram para ouvir a pregação do Apóstolo Paulo e celebrar o sacramento da ceia do Senhor, que na igreja primitiva era tomada juntamente com uma refeição. Eles partiam o pão como um memorial da morte de Cristo sobre a cruz, e se encontravam no primeiro dia da semana para estudar, celebrar e lembrar a obra redentora de Cristo e Sua vitoriosa e gloriosa ressurreição. “Deveria ser observado que os discípulos não se reuniram no primeiro dia da semana simplesmente para que Paulo pudesse pregar-lhes antes de partir, como alegam alguns. Se o único propósito do ajuntamento fosse ouvir o Apóstolo pregar seu sermão de despedida à congregação, isso era algo que poderia ter sido feito a qualquer momento durante sua jornada ali na semana anterior. Do ponto de vista do adventista do sétimo dia, alguém esperaria que tal sermão fosse pregado à congregação no dia anterior, Sábado, e Paulo teria viajado de Trôade no pôr-do-sol do Sábado ou no amanhecer do Domingo. Todavia, não há nenhum indício disso, nem de qualquer reunião (seja qual for) feita ao Sábado. Em vez disso, todo o contexto ensina que Paulo simples e incidentalmente considerou oportuno pregar à congregação ‘no primeiro dia da semana, quando os discípulos (como sempre) se ajuntavam para partir o pão’ – e não especialmente para ouvir Paulo.”⁶

Outra passagem que prova que a igreja apostólica mantinha a adoração pública no primeiro dia da semana é 1 Coríntios 16:1-2: “Ora, quanto à coleta que se faz para os santos, fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que não se façam as coletas quando eu chegar”. A primeira coisa a observar com respeito a essa passagem é que Paulo, falando pelo Espírito Santo, insiste que as doações de caridade para os irmãos pobres em Jerusalém sejam coletadas no *primeiro dia*, e não outro.⁷ O fato do Espírito Santo escolher o primeiro dia da semana, e não outro dia, pressupõe que para a igreja cristã havia algo único – de importância religiosa contínua – com respeito a esse dia. De outra forma, por que o Espírito Santo insistiria sobre somente o primeiro dia e não o sétimo, terceiro ou quarto, etc.? Segundo, note que isso não era apenas a prática da igreja em Corinto, mas de *todas* as igrejas na Galácia: “fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia”. Coletar doações para os pobres no Domingo era a prática *universal* da igreja cristã nos dias dos apóstolos: “A única

⁶ Ibid., p. 221.

⁷ “O primeiro dia da semana é o Domingo, e *kata* é separativo, de forma que podemos traduzir: ‘Domingo após Domingo, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar,’ etc. É uma inferência justa que o Domingo era o dia que foi separado para a adoração pública da congregação em Corinto, e que esse costume era seguido também na Galácia e outras igrejas que tinham sido fundadas por Paulo” (R. C. H. Lenski, *Interpretation of St. Paul’s First and Second Epistles to the Corinthians* [Minneapolis: Augsburg, 1937], p. 759). “Foi o fato desse dia [Domingo] marcar para eles o dia especificamente cristão em sua semana que provavelmente tornou conveniente para Paulo designá-lo como o momento para eles lembrarem-se dos pobres entre os irmãos e irmãs em Jerusalém” (Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians* [Grand Rapids: Eerdmans, 1987], p. 814)

explicação para essa injunção ‘católica’ [isto é, universal], qual seja, a de todos os cristãos de todos os lugares fazerem coletas para os santos pobres em Jerusalém especificamente no Domingo, é que todos os cristãos de todos os lugares tinham o hábito de fazer coletas para os irmãos pobres das suas comunidades também.”⁸

Não é um acidente que a injunção de Paulo para socorrer os irmãos pobres no dia do Senhor siga imediatamente o capítulo 15, que foca-se sobre a importância da ressurreição de Cristo. O dar é um aspecto da adoração pública no dia do Senhor. Damos a Deus porque Ele se deu primeiramente a nós. “Em outros lugares Paulo fala dessa coleta em termos que estão cheios de conteúdo teológico: ‘comunhão’, ‘culto’, ‘graça’, ‘benção’, e ‘culto divino’. Tudo isso junto sugere que a ‘coleta’ não era mera questão de dinheiro, mas era para Paulo uma atividade de resposta à graça de Deus que não somente ministrava às necessidades do povo de Deus, mas também se tornou um tipo de ministração ao próprio Deus.”⁹ Assim, essa passagem não somente prova que as igrejas apostólicas conduziam seus cultos de adoração pública no primeiro dia da semana, mas também mostra que dar a Deus é parte da adoração cristã. Isso deveria ser esperado, pois era também a prática universal nas sinagogas judaicas receber dízimos e ofertas durante seus cultos de adoração pública no Sábado. A igreja do Novo Testamento está modelada em grande parte segundo a sinagoga judaica.

Os apologetas adventistas do sétimo dia têm tentado driblar a implicação óbvia dessa passagem ao argumentar que as coletas eram feitas no Domingo, e não no Sábado, pois seria uma violação do *sabbath* do Sábado fazer contadoria, etc., nesse dia. Tal raciocínio é falacioso por três razões: Primeiro, como já observado, os judeus coletavam dízimos no Sábado e se engajaram em procedimentos de “contadoria” relacionados à caridade no Sábado por séculos, sem a desaprovação divina. Segundo, Jesus Cristo ensinou claramente que as obras de misericórdia eram permissíveis – sim, mesmo requeridas – no Sábado (Mt. 12:12; Mc. 3:4). Terceiro, obras de misericórdia no Sábado eram permitidas e recomendadas no Antigo Testamento também (1Sm. 21:6; 2Rs. 4:23). “Se, como os adventistas do sétimo dia mantêm, a Igreja Cristã pós-ressurreição realizava seus encontros semanais e seu *sabbath* no Sábado, é mais que provável que a coleta inteira teria sido entregue a Paulo em tal ocasião, e não ‘no primeiro dia da semana.’”¹⁰

⁸ Lee, p. 217.

⁹ Fee, p. 812.

¹⁰ Lee, p. 281. Em 1 Coríntios Paulo respondeu muitas perguntas que tinham sido lhe colocadas pela congregação (e.g., comer alimento oferecido aos ídolos, casamento e divórcio, dons espirituais). A questão final com a qual Paulo lida é a que diz respeito aos santos pobres em Jerusalém. A forma como Paulo responde essa última questão indica que “as coletas aos Domingos para os santos pobres locais eram a regra bem conhecida, e por essa mesma razão Paulo agora pede que as contribuições para a coleta

3. O DIADO SENHOR

A santificação do dia do Senhor (ou o primeiro dia da semana) está também implícita em Apocalipse 1:10, onde o Apóstolo João diz: “Eu fui arrebatado no Espírito no dia do Senhor”. João fala de um dia que é distinto de todos os outros dias. “Alguns dizem: ‘como sabemos que esse era o primeiro dia da semana? Todo dia é o dia do Senhor!’ Mas o intento de João é nos dizer *quando* ele teve aquelas visões. E se por dia do Senhor quer-se dizer qualquer dia, como isso nos informa sobre *quando* esse evento aconteceu?”¹¹ João usa uma expressão que os cristãos em seus dias reconheceriam instantaneamente como o dia da ressurreição de Cristo: o primeiro dia da semana. Os adventistas do sétimo dia argumentam que isso se refere ao Sábado, ao *sabbath* judaico. Mas essa afirmação é claramente anti-bíblica. “Em nenhum lugar na Palavra de Deus o *sabbath* do Sábado é alguma vez chamado de ‘dia do Senhor.’... O adjetivo na expressão – ‘*kuriake (-as, -on)*’ [i.e., do Senhor] – ocorre em apenas um outro versículo da Escritura: em 1Co. 11:20 na expressão ‘a Ceia do Senhor’ (*kuriakon deipnon*), cuja ceia era usualmente realizada no primeiro dia da semana. Esse próprio fato sem dúvida implica que o dia do Senhor (*he kuriake henera*) também era então observado no primeiro dia da semana.”¹² Uma passagem da Escritura que claramente identifica o dia do Senhor como o dia da ressurreição de Cristo é Salmo 118:22-24: “A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a cabeça da esquina. Da parte do SENHOR se fez isto; maravilhoso é aos nossos olhos. Este é o dia que fez o SENHOR; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele”.

O Apóstolo Pedro, ao se dirigir ao Sinédrio (At. 4:8-12), aplica o Salmo 118:22 diretamente à exaltação de Jesus Cristo, que começou em Sua ressurreição (cf. Mt. 28:18, Rm. 4:3-4).¹³ O Salmo 118 identifica o dia da exaltação de Cristo como um dia de regozijo e alegria. Os discípulos de Jesus estavam se regozijando no sétimo dia (Sábado)? Eles estavam alegres e felizes naquele dia? Não, de forma alguma. No Sábado Jesus estava morto e ainda num sepulcro. No Sábado os discípulos estavam de luto. O líder deles tinha sido morto como um criminoso comum. Eles estavam vivendo em temor, dúvida, tristeza e aparente derrota; mas no Domingo, o primeiro dia da semana, Cristo ressurgiu dentre os mortos; e as suas lágrimas tornaram-se

para os santos em Jerusalém fossem feitas no mesmo dia das contribuições locais, a saber, ‘no primeiro dia da semana’” (ibid.).

¹¹ Edwards, 2:99.

¹² Lee, pp. 237-38.

¹³ A Bíblia vê a exaltação de Cristo organicamente. Ela começa em Sua ressurreição e é concluída com Sua ascensão e entronização à destra do Pai. Lange escreve: “A ascensão está essencialmente implícita na ressurreição. Os dois eventos estavam combinados no único fato da exaltação de Cristo. A ressurreição é a raiz e o princípio da ascensão; a ascensão é a flor e a coroa da ressurreição... A ressurreição marca a entrada no *estado* celestial; a ascensão na *esfera* celestial” (John Peter Lange, *Commentary on the Holy Scriptures: Critical, Doctrinal and Homiletical*, ed. and trans. by Philip Schaff [Grand Rapids: Zondervan, 1980]), 15:556.

gozo, sua tristeza em alegria, sua dúvida em esperança, e sua derrota em vitória. “Este é o dia que fez o SENHOR; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele” (Sl. 118:24). Essa é a origem do termo “o dia do Senhor”. É o dia no qual a igreja Cristã celebra a vitória do Filho de Davi. “Observamos o dia do Senhor como nosso verdadeiro *Sabbath*, um dia criado e ordenado por Deus, para a lembrança perpétua dos feitos do nosso Redentor... Entrando no meio da igreja de Deus, e contemplando o Senhor Jesus como tudo em todos na assembléia do seu povo, estavam unidos para transbordar de alegria. Não está escrito ‘então os discípulos se alegraram, quando viram o Senhor?’”¹⁴

A evidência histórica apresentada até aqui é suficiente para provar que Jesus Cristo mudou o dia de *sabbath* do sétimo para o primeiro dia da semana. Jesus ressurgiu dentre os mortos no primeiro dia da semana. Ele apareceu aos Seus discípulos no primeiro dia da semana e em mais de uma ocasião. Os discípulos se reuniram no Domingo da ressurreição, e então novamente em Pentecostes, para se encontrarem com o Cristo ressurreto. A igreja apostólica realizava a sua adoração pública no primeiro dia da semana.¹⁵ Isso envolvia pregação, os sacramentos e o dízimo. O Apóstolo Paulo indicou que a adoração pública no primeiro dia era universal nas igrejas da Galácia. O Apóstolo João usou a frase “o dia do Senhor” como uma referência temporal que todas as igrejas da Ásia Menor reconheceriam instantaneamente: o dia da ressurreição de Cristo (Sl. 118:22-24), o dia de alegria e adoração. “Não devemos nós concluir que esses homens inspirados consideravam a autoridade de Deus como agora ligada a esse dia do Senhor?”¹⁶ Sim, devemos! Todavia, a evidência até aqui apresentada é apenas *metade* do argumento; Deus providenciou provas teológicas também.¹⁷

Fonte: Extraído e traduzido do livreto “The Christian Sabbath Examined, Proved, Applied”, de Brian Schwertley.¹⁸

¹⁴ C. H. Spurgeon, *The Treasury of David* (Grand Rapids: Baker, 1983 [1882]), 5:332.

¹⁵ Os adventistas do sétimo dia fazem grande alarde sobre o fato que por todo o livro de Atos o Apóstolo Paulo é observado entrando nas sinagogas judaicas no *sabbath* judeu (i.e., sábado). Mas mediante uma análise cuidadosa dessas passagens, fica bem claro que o *único* propósito de Paulo ao entrar nas sinagogas era pregar o evangelho aos judeus incrédulos. Não existe nenhuma evidência no Novo Testamento que a igreja pós-ressurreição se reunia para adoração pública no Sábado. Na verdade, todas as evidências apontam para uma observância do primeiro dia. A idéia que Paulo ia para as sinagogas judaicas aos Sábados para adorar por crer num *sabbath* do sétimo dia é absurda. Por que Paulo adoraria com não-cristãos, com incrédulos? A verdade é que a prática de Paulo era pregar primeiramente a todos os judeus (sinagogas nos dias de Paulo eram terrenos férteis), e então aos gentios. Quando Paulo sentia que a pregação do evangelho não era mais proveitosa, sua prática era pegar os crentes, partir e estabelecer uma assembléia cristã. “Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles, e separou os discípulos, disputando todos os dias na escola de um certo Tirano” (Ac. 19:9).

¹⁶ Robert Lewis Dabney, “The Christian Sabbath: Its Nature, Design, and Proper Observance” in *Discussions: Evangelical and Theological* [Carlisle, PA: Banner of Truth, 1967], 1:531.

¹⁷ O autor analisa a re-criação, Deuteronômio 5:15 e Hebreus 4:9-10. (Nota do tradutor)

¹⁸ <http://reformedonline.com/view/reformedonline/sabbath2.htm>